

A mulher a Oriente e a Guerra do Pacífico. Uma leitura da figura feminina na literatura de Macau e de Timor

Pedro d'Alte⁴³

Resumo: Enfocando as produções romanescas de Luís Cardoso e de Rodrigo Leal de Carvalho, o presente artigo coloca em diálogo a literatura de Macau e de Timor. O intuito é o de explicitar e de contextualizar a representação que ambos os autores fazem da figura feminina em ambientes bélicos semelhantes – espacial e temporalmente -, como é o caso da *Guerra do Pacífico*. O exercício é particularmente relevante porque contribui (i) para construção de conhecimento sobre regiões e literaturas em português; (ii) para o estudo de autores algo periféricos no panorama académico e (iii) para a explicitação de imagotipos femininos localizados histórica, social e culturalmente.

Palavras-Chave: Literatura de Timor; Literatura de Macau; Figura feminina; Guerra do Pacífico.

WOMEN IN THE ORIENT AND THE PACIFIC WAR. ANALYSING THE FEMALE PORTRAIT IN MACAU'S AND EAST TIMOR'S LITERATURE

Abstract: Focusing on the novelistic productions of Luís Cardoso and Rodrigo Leal de Carvalho, this article brings together the literature of Macau and Timor. The aim is to make explicit and to contextualise the representation that both authors make of the female figure in similar warlike environments - spatially and temporally -, as is the case of the War in the Pacific. The exercise is particularly relevant because it contributes (i) to the construction of knowledge about regions and literature in Portuguese; (ii) for the study of somewhat peripheral authors in the academic panorama and (iii) for the explanation of historically, socially and culturally located female imagotypes.

Keywords: East Timor's literature; Macau's literature; Female character; Pacific War.

Introdução

⁴³ Doutor em Estudos da Criança, na Universidade do Minho. Investigador no CIEC, Universidade do Minho. Colabora, atualmente, com a Universidade Politécnica de Macau. email: pedrogabrielreis@gmail.com ORCID: 0000-0001-7264-9106.

Na literatura em português a Oriente existem obras relevantes na representação do *modus vivendi* das populações autóctones, mas que permanecem algo desconhecidas do público leitor de diferentes latitudes. Variadas obras exibem características comuns que permitem aceder a um *corpus* documental com incontestável valor histórico e no qual se encenam os ambientes sociais e políticos – especialmente, os de finais do século XIX em diante. A presente análise usufrui deste sortilégio e debruça-se sobre uma franja histórico-social que é encenada neste panorama literário: as figurações femininas, sobretudo, nos tempos que gravitam ao redor da *Guerra do Pacífico* (1941-1945).

O parágrafo anterior abriga, implicitamente, parte da fundamentação relacionada com a escolha do acervo romanesco a analisar: o cronotopo literário (Bakhtin, 1986). Com efeito, porque infixados numa baliza temporal beirada do evento bélico, conceder-se-á atenção aos romances *Requiem para o navegador solitário* (2007) e *O plantador de abóboras* (2020), de Luís Cardoso, e *Requiem por Irina Ostroloff* (1993) e *A mãe* (2001), de Rodrigo Leal de Carvalho. Ao critério destacado, outros se juntam: a igualdade na quantidade de obras, de cada autor, levadas a análise; uma inegável qualidade estética e literária – reconhecida pela academia (d’Alte, 2022; Gago, 2018; Pereira, 2015; Ramón, 2014; Ramos, 2018); e, também, uma assinalável relevância investigativa. Relembre-se que, apesar da qualidade literária, tanto os autores elencados como os tópicos de análise (representação feminina a Oriente e fenómeno bélico) permanecem periféricos no panorama literário atual, especialmente se lidos de forma articulada, relacionando-se entre si.

A par destas evidências, uma análise transversal pelas particularidades técnico-compositivas e temáticas dos autores permite aferir que os seus relatos albergam características partilhadas: a mescla de elementos ficcionais com factuais; a diluição das fronteiras entre a disciplina da Literatura e da História; uma certa predileção pelo tratamento de temas históricos e sociais; um modo de contar que permite, ao narrador, adquirir contornos etnográficos e constituir a narrativa como fonte documental que é representativa dos imagotipos masculinos e femininos da época; a transposição clara da experiência biográfica para a narrativa; e, também, a infixação da diegese no século XX.

Importa, por último, destacar um aspeto preponderante: a atenção que dedicam ao universo feminino, seja pela escrita a partir de uma voz feminina seja pela inclusão de várias mulheres e do seu ponto de vista na trama. Tal particularidade é central e permite a leitura dos imagotipos femininos na

época destacada, aspeto ao qual se dará completa atenção nos pontos seguintes.

Sumariando, o *corpus* literário escolhido torna oportuna a intenção do presente trabalho que radica, por um lado, na intenção de averiguar a evolução pessoal da mulher, as dinâmicas e os jogos de força que as personagens femininas experienciam nos períodos exigentes de guerra e de conflito. Por outro, pretende-se contribuir para a construção de conhecimento sobre estas literaturas, contextualizando tais vivências como parte integrante da experiência lusófona (Venâncio, 2008).

Sobre os autores

O romancista timorense Luís Cardoso de Noronha nasce em Cailaco, no interior de Timor-Leste. O turbilhão político decorrente da Revolução de Abril de 1974 favorece a saída de Cardoso para Portugal. Em terras lusas, pelo usufruto de uma bolsa de estudo, o timorense prossegue a sua formação académica e licencia-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa onde seria colega do escritor Eduardo Agualusa.

É também em Portugal que inicia a carreira literária com a publicação de *Crónica de uma travessia – a época do ai-dik funam* (1997). A este título, sucedem-se outros: *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001); *A última morte do coronel Santiago* (2003) e *Requiem para o navegador solitário* (2007). Após um breve período sem editar novos livros surge, em 2013 e pela Sextante Editora, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Quatro anos mais tarde, o público leitor recebeu, pela ação da mesma editora, *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017). Em novembro de 2020, pela chancela da Abysmo, chega a obra *O plantador de abóboras* (2020).

Rodrigo Leal de Carvalho, nascido na Praia da Vitória, Açores, Portugal, a 20 de novembro de 1932, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Ingressa, posteriormente, na Magistratura. Chega a Macau em 1959, como Delegado do Ministério Público. Mais tarde, é apontado Procurador da República e Presidente do Tribunal de Contas. Em Macau reside, com curtas interrupções, até 1999 – data na qual Macau é devolvida à administração chinesa. É também na “boa porta”, nome que designa Macau, que desponta como escritor, sobretudo como romancista.

O seu primeiro título, *Requiem por Irina Ostrakoff* (1993) foi publicado em 1993, pela editora Livros do Oriente. No ano seguinte, a obra é agraciada com o Prémio IPOR, em 1994. Neste mesmo ano, é editado *Construtores do*

Império (1994). *A IV Cruzada* (1996) e *Ao serviço de sua Majestade* (1996) partilham o mesmo ano de edição. Mais recentemente, o público leitor pôde receber *O Senhor Conde e suas três mulheres* (1999), *A mãe* (2000), *O romance de Yolanda* (2005) e *As rosas brancas de Surrey* (2007).

Representações da mulher na literatura de Cardoso e Rodrigo Leal de Carvalho

Contrariamente aos restantes romances em análise, *Requiem para o Navegador Solitário* apresenta, na edição portuguesa, um arranjo gráfico particularmente feliz pela antecipação de conteúdo que permite logo a partir da sua capa. Em contacto com a iconografia presente, o leitor pode observar um círculo vermelho, inserido em capa branca e, na sua circunferência, uma embarcação. Em d'Alte (2019), é partilhado que, simbolicamente, a capa evoca a bandeira japonesa e a viagem de Alain Gerbault, afamado por ser um navegador solitário que aportou a Díli⁴⁴ e onde viria a falecer, em dezembro de 1941.

A trama recupera, com efeito, os episódios bélicos entre os dois países: Japão e Timor. Volvidas as primeiras páginas, o leitor encontrará a referência à estratégia de compra de terrenos por parte de japoneses (Cardoso, 2007, p. 14). O apontamento imbrica-se com o discurso historiográfico: “em meados dos anos 1930, a ilha é visitada por nipônicos alegadamente técnicos ao serviço das explorações agrícolas da Sociedade Pátria e Trabalho, mas que revelaram ser, quando da invasão de 1942, oficiais do exército japonês” (Bretes, 1989, p. 20).

No que diz respeito à figura central da obra, o *incipit* exhibe Catarina, uma adolescente de dezassete anos, miscigenada: a “gata de jade”. A jovem

⁴⁴ Os livros partilham parte do título: “Requiem” – uma composição fúnebre. Porém, se no caso de Carvalho o título se imbrica com a vida da personagem central, no que diz respeito a Cardoso, trata-se de uma falsa partida, pois Gerbault não é a personagem principal do romance. É, no entanto, referido ao longo da obra e é-lhe atribuída uma carga simbólica e exótica. É um navegador que aporta em Timor, sozinho, doente e poético, defraudando as gentes da terra que esperavam uma força militar combativa, vinda do mar. Sobre Gerbault, Durand escreve: “Alain Gerbault ne paraissait pas vraiment destiné à devenir un aventurier solitaire des mers du Sud. Fils de bonne famille d’industriels alternant rallyes automobiles et tournois de tennis, il avait vécu un profond traumatisme lors de la Première Guerre mondiale. Enrôlé dans l’aviation naissante, il s’était fait remarquer pour ses grandes qualités de pilote” (Durand, 2006, p. 308). Contudo, torna-se um aventureiro que rumará até Oriente e que escreverá: “à Koepwang, capitale de Timor, l’île malaise, toute la fascination de l’Orient me séduit” (Gerbault, 1991, s.p.)

é filha de pai chinês e mãe indonésia (nativa). Fora criada para fazer alguém feliz. Sabia línguas estrangeiras, lia os clássicos, tocava piano e admirava Debussy. Atributos esplêndidos que uniam o melhor de dois mundos: o Ocidental e o Oriental (Cardoso, 2007, p. 12). Este cenário que prevê que a mulher seja educada para satisfazer um marido confirma-se quando a chinesa é incluída numa transação, pelo pai, como se, efetivamente, se tratasse de mera mercadoria. O negócio é firmado entre o comerciante chinês e o futuro noivo: Alberto Sacramento Monteiro e que reside em Dili. Em virtude do casamento, a chinesa trocará a cidade indonésia pela residência em Timor. O mais recente romance de Cardoso, *O plantador de abóboras* (2020), apresenta uma narradora destituída de nome próprio. A personagem surge, em Timor, numa situação de eterna espera, com um discurso marcadamente disfórico no qual o leitor fica com a sensação de que algo ou alguém de extrema importância lhe falhou ou faltou. De vestido de noiva branco e ensanguentado, a mulher aguarda pelo “plantador de abóboras” que lhe restituirá a paz porque lhe permitirá o confronto, o questionamento e a eventual resposta. Sincronicamente, a mesma voz propõe-se a lembrar, a revisitar o seu “labirinto da memória”, rememorando toda a história de Timor que se entrecruza com a sua própria vida biológica (d’Alte, 2022).

Em termos de construção narrativa, *A mãe* e *Requiem por Irina Ostrakoff* apresentam-se bastante semelhantes. O *incipit*, a moldura inicial, é o ponto de chegada de toda a narrativa. Os restantes capítulos configuram-se como o desvelo da trama e explicam como a história se desencadeia até ao momento revelado no primeiro capítulo – em jeito de retorno e de analepse narrativa⁴⁵.

As personagens, que absorvem grande parte da atenção do narrador, vivem na Rússia czarista que sofrerá profundas alterações na primeira metade do século XX. Porém, as mulheres pertencem a estratos sociais distintos. Irina Ostrakoff descende da mais fina nata russa. A sua educação, de feição elitista, integrava a aprendizagem de línguas – havendo claro destaque para o francês, estudado com recurso a uma preceptora contratada, igualmente francesa –, e o desenvolvimento musical:

⁴⁵ Pereira (2015) confere maior destaque a este aspecto da construção narrativa: “Construído em analepse circular, com o primeiro e o último capítulos a focarem, com variação de perspectiva e de focagem, o mesmo acontecimento (morte súbita de Irina), tal como de certo modo o segundo capítulo e o “Epílogo com epitáfio” (arrolamento judicial do espólio de Irina e procedimento cínico e voraz de viúvo Igor), o romance prima pela criação de expectativa” (Pereira, 2015, p. 308).

Irina fazia progressos: no canto e no piano, matérias que estudava por gosto. Mas, em vez das intermináveis escalas e das monótonas *lieds* que maestro Feodor lhe fizera gorjear, cantava agora, num soprano ainda mal definido, mas não desagradável, os *couples* das operetas de Léhar e *Offenbach* que *Mademoiselle* trouxera de arais, contrabandeados na sua bagagem cultural (Carvalho, 1993, p. 95).

No plano familiar, as uniões matrimoniais eram estudadas e aprovadas se benéficas. No caso de Irina, Igor foi avaliado e sopesado, equacionando-se a sua elegibilidade para marido:

A pessoa do oficial do czar, o seu passado, o presente e o futuro foram devidamente considerados. Os oficiais do exército imperial gozavam de grande prestígio social. Provindos de boas famílias, aliavam ao nome, se nem sempre a fortuna (dada a infeliz pendência de alguns dos nomes das grandes famílias para a dissipação), pelo menos a perspectiva de um futuro brilhante nas não muito exigentes carreiras militar ou política (Carvalho, 1993, pp. 110-111).

Diametralmente oposta, no que tange às condições sociais, surge Natasha Korbachenko. A russa foi criada pelo pai, viúvo, ex-sargento do exército imperial russo. Após a sua aposentação militar, o pai de Natasha torna-se taberneiro numa aldeia fronteiriça com a Manchúria, denominada Nikolskoye⁴⁶. O território em apreço, palco de inúmeros conflitos, aguçou a destreza e a rudeza da personagem que, desde cedo, se habituou a altercar com ciganos contrabandistas – muito à imagem do que o seu pai fazia⁴⁷. Efetivamente,

por imposição das circunstâncias e apoiada em manifesta herança genética, fora forçada e habituara-se desde muito cedo a tomar decisões e assumir responsabilidades; quando o pai saía à caça do antílope ou da lebre, Natasha ficava à frente do estabelecimento e não obstante a juventude, ninguém a levava ao engano e, ao avaliar a mercadoria sonogada aos direitos aduaneiros, não se coibia de discutir o preço e as condições de pagamento. E quando vendia, não fiava. Criada desta forma num ambiente de cariz quase militar, achava-se à vontade na sociedade masculina e rude da taberna e não a intimidava a familiaridade grosseira da clientela (Carvalho, 2001, p. 24).

⁴⁶ Atualmente designada por "Ussuriysk".

⁴⁷ Em relação à personagem, pode ler-se: "O velho militar, manco de uma perna mas forte de corpo e lúcido de espírito, instalou um pequeno comércio de secos e molhados em Nikolskoye, uma aldeola na margem direita do Amur, onde os ciganos contrabandistas se abasteciam de peles e vodka e regressavam com sedas, tapeçarias e artigos de luxo oriundos das grandes cidades do Sul" (Carvalho, 2001, p. 24).

As quatro personagens introduzidas, apesar das suas dissemelhanças, da sua aparente distância ou de qualquer possibilidade de relação entre todas, irão ver as suas vidas alteradas e modeladas por um fenómeno bélico comum, de força e de escala mundiais. De facto, o impacto da Guerra do Pacífico interliga dois espaços de influência portuguesa, Macau e Timor, e as gentes que o habitam.

Em todo o caso, historicamente, é de relembrar a diferença que diz respeito à presença do Japão nas duas áreas administradas por Portugal. A coletânea de ensaios *Wartime Macau – under the Japanese Shadow*, organizada por Geoffrey Gunn, possui um título que é representativo do que se pretende salientar. Macau sofreu indiretamente a “sombra” da força japonesa, porém, Timor seria, dramaticamente, invadido em 1942. Como o próprio Gunn sistematiza,

Intrigou muitos o facto de que, ao contrário de Hong Kong, o território administrado por Portugal, Macau, evitou a ocupação direta pelos japoneses durante a guerra, embora tenha sido envolvido no turbilhão do conflito global mais amplo. Neste sentido, a experiência de Macau diferiu da da sua colónia irmã do Sudeste Asiático, Timor, que foi invadida e ocupada pelo Japão. No entanto, o estatuto de Macau durante a guerra também refletiu a neutralidade declarada de Portugal ao lado dos principais beligerantes da Segunda Guerra Mundial" (Gunn, 2016, p. 1). Tradução livre do autor.

Apesar da diferença do *animus bellandi* nipônico em relação às duas regiões, no que diz respeito ao exercício interpretativo literário, continua a importar ler a maneira como a situação é experienciada pela mulher nos dois espaços ultramarinos. É, pois, a este fenómeno que se dará maior atenção no ponto seguinte.

Mulheres em guerra

Para se casar com o capitão de porto de Díli, Catarina chega à capital de Timor-Leste na década que antecede o conflito com o Japão. A chegada é acompanhada por uma frase-refrão que é repetida, *ad nauseam*, e que se configura como um mau presságio, contrariando um expectável clima de felicidade matrimonial: “nunca devia ter vindo” (Cardoso, 2007, p. 11). De facto, quando em Timor, a jovem, que beirava os dezoito anos, relata a sua noite de núpcias de forma disfórica e bestializando o homem, seu marido:

atirou-se para cima de mim como um lobo-marinho. E, num ritmo frenético e ofegante penetrou nas minhas entranhas até dar o seu grito final, um berro, um uivo, um latido, e desfazendo-se em gotas de suor que empastavam na minha pele. Consumado o acto retirou-se para o lado. Tudo foi feito num ápice. Como quando um galo se põe em cima de uma galinha. Sem um gesto de carinho. Apenas fúria, como se tivesse de fazer aquilo para se vingar de alguém (Cardoso, 2007, p. 35).

A natureza do episódio e a própria relação conjugal, assim como o ambiente bélico, operam grandes mudanças em Catarina e nas relações futuras que ela estabelecerá com os homens. Imediatamente após o término desta primeira relação. Catarina fica sozinha, isolada à frente dos negócios da Fazenda. O episódio configura-se como imagem de um aspecto transversal ao drama da mulher em Timor: a ausência da figura de proa da família. Destituída de marido, da face e centro de poder, Catarina revela-se consciente da sua posição e do hiato de poder entre homem e mulher. Para a chinesa, é imperativo tentar alcançar um equilíbrio de forças. O pensamento é passível de ser inferido na frase: “fiz-lhe saber que não tolerava qualquer falta de respeito pelo facto de eu ser mulher e indefesa” (Cardoso, 2007, p. 55).

A “gata de jade” irá tentar mover-se no cenário político emergente na ilha do sol nascente. Um belo exemplo do jogo de bastidores pode ser lido no jantar que Catarina organiza para o segundo capitão de porto e, mais especificamente, na conversa que ambos encetam. Quando a sós, o militar assume as rédeas da conversa e dá-lhe um cariz económico e político, recomendando à cicerone que reconsidere a sua posição. Ou seja, sugere-lhe que a jovem aceite a proposta dos japoneses e troque a cultura do café da sua fazenda pela do algodão, mais propícia aos nipónicos (Cardoso, 2007, p. 88). O desenrolar da conversa torna evidente que tal escolha nada tem que ver com a propensão do solo timorense para gerar café ou algodão, mas antes com a necessidade de “escolher o lado certo” e aliar-se àqueles que serão os donos do mundo: Alemanha e Japão (Cardoso, 2007, p. 89). A sugestão oculta uma traição simbólica, na medida em que o cultivo do café era rentável aos portugueses e às comunidades locais timorenses. Metaforicamente, a proposta de troca de uma cultura por outra insinua uma alternañcia no poder entre portugueses e japoneses.

O ardil de Catarina, no estabelecimento de relações é amplo e variado, não se circunscrevendo à esfera de domínio portuguesa. Sincronicamente, a jovem mulher estabelece laços com facções nativas. Desde logo, na procura por Malisera, sublevado timorense, e na aceitação da sua protecção: “mostrou-me os esconderijos dos sublevados e o buraco onde se despediu da sua mãe,

estendida numa laje de pedra, sacrificada para não ser apanhada viva. Antes de me devolver à procedência, fez-me a oferta de dois *tais*. Com um cobriu-se a ele próprio pela cintura e pediu-me que fizesse o mesmo com o outro” (Cardoso, 2007, p. 68)⁴⁸.

Por vezes, o gesto exhibe contornos sexuais e requer rituais cíclicos de concubinato. A aceitação deste procedimento permite que Catarina logre proteção e algum dinheiro. A jovem relata, sarcasticamente, o processo que os capitães de porto adotaram para com ela:

Primeiro oferecia-se um gato, depois perfumes, pedia-se licença para entrar pela casa adentro. Sentava-se no sofá, aceitava um café, também uma bolacha de água e sal. Olhava-se para as paredes, para o tecto e depois, como quem não quer a coisa, fazia-se uma vistoria aos compartimentos, ao quarto onde se dormia, também à cama, ao colchão. Enfiava-se pelos lençóis adentro, pedia mais uma almofada, uma fronha, antes de ocupar a cama toda, a casa inteira. Depois, pedia para lhe fazer a barba, aparar a unha, deixava lá esquecido um lenço onde embrulhara umas patacas. No fim ia-se embora, nunca dizia quando voltava. A surpresa era a alma da parceria (Cardoso, 2007, p. 134).

Também os oficiais japoneses se inscrevem no raio de ação desta figura feminina, por motivos variados: “Quem se aproximou de mim foi um jovem oficial. Era alto, magro e muito elegante. Apresentou-se como sendo o capitão Moriama. Falava muito bem francês, também malaio. Tinha vivido uma temporada em Paris. Estudara na Sorbonne e frequentara Montmartre. Convidou-me a tomar chá na sua companhia” (Cardoso, 2007, p. 205). Mais adiante, uma parte do teor da relação começa a ser revelada: “Moriama acompanhou-me de regresso à ponte-cais. Uma gentileza que não me passou despercebida. Tornava público que eu era a sua protegida. A sua mulher de consolo. Cada um consolava-se com a primeira que encontrasse à frente. Filhas de comerciantes chineses, nativas trazidas das montanhas e algumas que tinham ido buscar ao estrangeiro” (Cardoso, 2007, p. 210). A imagem torna-se mais completa quando se explica a outra intencionalidade do oficial japonês: a de Catarina se tornar os seus olhos em Timor (Cardoso, 2007, p. 208). A chinesa é altamente valorizada, pois Catarina move-se entre

⁴⁸ Aos olhos da cultura timorense o *tais* surge como entidade de ligação, uma oferenda interpretada como um gesto simbólico de união entre doador e beneficiário, consumado de forma a ligá-los (Barrkman, n..d.).

diferentes círculos de poder e tem acesso a diversas informações. Porventura, a mais pertinente tem que ver com o acesso a Malisera:

Onde está Malisera?

Não tinham perdido o interesse pelo foragido de Manumera, mesmo depois daquelas tentativas fachadas para me incentivar a cultivar algodão na Fazenda Sacromonte. Sabia que Malisera interessava aos japoneses para organizar as hostes nacionalistas timorenses, com o intuito de fazer uma frente comum contra os ocidentais, fossem eles os neutrais portugueses ou as forças aliadas coadjuvadas pelos *boys* nativos (Cardoso, 2007, p. 206).

As dinâmicas estabelecidas por Catarina são tipificadas pela sociedade. Apesar de Catarina recusar aceitar ter sido *nona* de homem algum, as relações valer-lhe-iam o epíteto. Relativamente à infidelidade, os homens passam relativamente incólumes mas as mulheres são rotuladas. Catarina passa a ser a *nona*, que em língua malaia significa senhora. Uma forma muito peculiar de dar o dito por não dito. Embora toda a gente soubesse qual a conotação exacta. Era a mulher que ficava no cais a abanar o leque à espera do seguinte” (Cardoso, 2007, p. 46). Teresa Cunha destaca precisamente a diferença entre géneros no saldo de conflitos:

Após o conflito bélico, as mulheres, que foram combatentes, as que foram violadas ou escravas sexuais, as que tiveram filhas e filhos do inimigo e as que ficaram viúvas, são dificilmente reconhecidas e inseridas na sociedade que emerge. As categorias válidas para o quadro patriarcal dominante são as de virgem, esposa, filha e mãe; estas outras condições sociais, decorrentes da guerra, fazem as mulheres encararem outros ostracismos e um acesso diminuído aos recursos por criação de novas invisibilidades (Cunha, 2006, p. 49).

A par de “*nona*”, a sociedade timorense possui outro termo pejorativo: *bombela*. O mesmo permite aferir que o povo cria uma categoria para as amantes dos oficiais japoneses. O estigma por ter sido *bombela* é penoso, e pode ser lido, por exemplo, numa outra figura cardosiana, Isadora, que surge no romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*: “Ter sido conotada como a mulher de conforto de um oficial japonês durante a ocupação era um constrangimento muito grande para o resto da sua vida” (Cardoso, 2013, p. 38).

A própria Isadora, numa baliza temporal posterior, quando da invasão indonésia, sofreria com a ausência do marido. Ambas as personagens padecem do desmoronamento familiar criado pela ausência masculina em tempo de guerra. Cunha escreve: “a família, fundada sob a autoridade e a proteção do “pai”, deixa de estar constituída “normalmente”. É na ausência dos

“homens-macho” da casa que outros “homens-macho” se permitem entrar, agredir e abusar das mulheres e reduzir a restante família a um alvo ou troféu de guerra” (Cunha, 2006, p. 49).

Com o adensar da guerra, Catarina ver-se-ia mais propensa a ajustes de contas que grassavam por todo o território: “deram o alarme. A minha casa estava em chamas. Alguém lhe pusera fogo na minha ausência. (...) Estava tudo em cinzas. Fiquei apenas com a roupa que trazia no corpo” (Cardoso, 2007, p. 200). Isolada, acabaria a viver no veleiro do falecido Alain Gerbault, atracado no porto de Díli, e com moderada proteção do oficial japonês. Ali permanece até a rendição final japonesa.

A leitura do romance *O plantador de abóboras* permite encontrar uma narradora inominada. A particularidade é, segundo d’Alte (2022), reveladora do seguinte: “ao destituir a personagem de uma referência onomástica, permite-se a interpretação de que a instância narradora é o próprio país, tantas vezes negado de identidade, silenciado, sem um governo timorense autóctone. O solilóquio é, neste sentido, a revisão crítica do passado e a denúncia de séculos de usurpação” (d’Alte, 2022, p. 102). Ana Margarida Ramos também partilha da opinião de que o território se pode consubstanciar tema e personagem:

a partilhar o protagonismo (...) está o próprio território timorense. Complexo e contraditório, personificando várias tensões internas e sofrendo consequências de pressões externas, Timor parece uma embarcação oscilando ao sabor das marés, ora perseguindo os habitantes nativos, ora se revoltando sucessivamente contra as vagas de ocupadores. Recriado ficcionalmente como uma espécie de território à deriva, Timor parece determinado numa demanda difícil pela sua afirmação (Ramos 2012, p. 154).

A instância narradora exhibe, assim, uma dimensão coletiva que torna visível todo o drama feminino ao longo das sucessivas invasões sofridas por Timor. Relativamente ao assunto em análise, a *Guerra do Pacífico*, a personagem, ao caracterizar uma figura de poder que se aproxima do seu lar, logra situar a narrativa temporalmente:

Tinha objetivos claros e definidos e sabia como fazer para os realizar. Apesar de se encontrar com idade avançada, movimentava-se com facilidade. Vestia-se com rigor, fato branco de algodão e usava um chapéu colonial também branco que lhe ensombrava os olhos oblíquos. Cheirava bem. Cheirava a perfume de rosas. Tia Benedita dizia que cheirava a mulher oferecida. Coube-lhe vigiar os agrónomos japoneses que se encontravam na ilha com a missão de vigiarem os ocidentais. O

que diziam fazer era a cobertura ou resguardo para ações de espionagem. Havia uma guerra prestes a eclodir, no entanto, em Manu-mutin reinava a paz dos inocentes (Cardoso, 2020, p. 101).

O recorte em apreço tem que ver com a estratégia militar de reconhecimento. Neste caso, os japoneses inteiravam-se do cumprimento do princípio de neutralidade por parte de Portugal. No entanto, a Austrália com o receio de que Timor pudesse servir de base para um futuro ataque nipônico ao país, colocou militares em solo timorense⁴⁹. Tal constituiu uma violação da neutralidade pretendida e, segundo o Japão, fundamentava a invasão de Timor:

Banzai!

Finalmente apareceram os japoneses. Não foi um desejo do meu pai nem de outro timorense que tivesse bom senso. Mas era o que estava a acontecer em toda a ilha. Movimentam-se como formigas. Pequenas e laboriosas. Nunca paravam no mesmo sítio. Perguntaram sobre os soldados aliados que haviam entrado no território antes deles. Muitos fugiram para as montanhas quando os viram entrar na cidade de Díli. Andavam ao gato e ao rato num jogo de esconde-esconde (Cardoso, 2020, pp. 106-107).

Timor foi o único território de administração portuguesa a ser invadido. O ataque japonês revelou uma crueldade sem precedentes. Pike (2015) não deixa passar incólume o facto de algumas cidades visadas não possuírem um exército treinado ou qualquer sistema de defesa de relevo, tratando-se, em verdade, de um ataque militar a populações civis - o que se consubstancia crime de guerra:

o Exército Imperial Japonês e as Forças Aéreas da Marinha atacaram as populações civis das principais cidades como Xangai, Soochow, Nanquim, Hsuechow, Chongqing e Changsha na China, bem como Manila (Filipinas), Myitkyina (Birmânia) e Díli (Timor). A maioria dessas cidades estava completamente indefesa. Na incapacidade de manufatura dessas cidades, pode-se presumir que os ataques aéreos japoneses visavam perturbar a vida civil e aterrorizar. Deve-se notar que essas cidades, ao contrário do Japão, não continham uma infraestrutura

⁴⁹ Gin (2004) escreve: "A localização estratégica de Timor, literalmente às portas da Austrália, presenciou o desembarque de tropas australianas em Díli, no Timor-Leste, em meados de dezembro de 1941, apesar da declaração de neutralidade de Portugal na guerra na Europa e na região da Ásia-Pacífico. Apesar da dura resistência que ofereceram aos invasores japoneses, os australianos acabaram sendo evacuados no início de 1943. Tal como aconteceu com outros lugares do Sudeste Asiático, a privação até à quase inanição engolfou os até então empobrecidos habitantes de Timor-Leste durante os anos de guerra." (Gin, 2004, p. 74).

industrial espalhada entre as suas habitações urbanas e geralmente não eram protegidas por canhões antiaéreos ou aviões de combate. Mesmo na época, esses ataques à bomba do Japão eram possivelmente crimes de guerra, inclusive conforme a limitada definição das já existentes Convenções de Genebra e de Haia (Pike, 2015, p. 1281).

Apesar da extrema assimetria bélica, Timor pôde assistir à emergência de forças de guerrilha que se opunham ao domínio nipônico. Em oposição, os japoneses sedimentaram redes de informadores e colaboracionistas. No romance de Cardoso, em linha com o exposto, lê-se o episódio traumático ocorrido na família da narradora:

[o meu pai] disse-lhes que [acolheu os holandeses], mas que se foram embora. Um alívio. Notou que o feitor sorriu concordando com as suas palavras. Talvez fosse essa a instrução que havia recebido. Colaborar para melhor informar. Ao invés do que o meu pai esperaria que ele pudesse fazer, foi longe demais. Passou a integrar a Coluna Negra, a milícia organizada pelo exército japonês. Instauraram a sede em Manu-mutin e foram um terror em todas as partes do território. Denunciou o meu pai aos japoneses que ele tinha o negócio de café com o chinês que estava ao serviço dos ingleses e dos seus aliados. Meu pai foi imediatamente detido e feito prisioneiro. Borromeu passou a ser o administrador da fazenda. Fazia de tudo para agradar aos desconfiados japoneses (Cardoso, 2020, p. 107).

O discurso historiográfico de Pike debruça-se sobre os tópicos destacados nos recortes anteriores e, ainda, sumaria a contenda, denunciando o saldo humano do conflito:

Timor provou ser o osso duro de roer para as forças de Kawaguchi, pois as forças de guerrilha lideradas por um contingente de australianos continuaram a assediá-los pelo resto do ano até agosto, quando a 48ª Divisão japonesa, comandada pelo tenente-general Yuitsu Tsuchihashi lançou uma contra-ofensiva. Depois de novembro, em uma estratégia clássica de "terra queimada", as forças japonesas realizaram uma destruição brutal e sistemática de estoques de alimentos e aldeias nas áreas controladas pelos Aliados. O estreitamento da rede forçou a maioria das forças aliadas remanescentes a escapar em pick-ups noturnas de submarinos americanos de dezembro a fevereiro de 1943. A campanha timorense custou a vida de 450 soldados aliados contra cerca de 2.000 japoneses. Como sempre na guerra, foi a população civil que sofreu mais - estima-se que cerca de 70.000 civis timorenses e portugueses morreram durante a campanha japonesa.

Este quadro da denúncia e de revisitação das provações humanas é completado pela narradora que oferece uma visão mais pessoal ao alertar para um outro aspeto, a invisibilidade do sofrimento feminino: "Tia Benedita

foi uma das vítimas dos soldados japoneses durante a ocupação. As mulheres foram sempre as principais vítimas dos homens durante as guerras” (Cardoso, 2020, pp. 112-113). Este apontamento interliga-se com a visão tradicional de justiça de um dos mais influentes grupos etnolinguísticos de Timor: o Mambai⁵⁰. Segundo Traube (2007), a crença nativa admite que deve existir um sistema que recompense os defensores pátrios e puna os que atuam de modo disruptivo. A ausência destas coordenadas é nefasta para o timorense que sofre. O que está em jogo é

uma visão mais ampla de justiça redistributiva que muitos Mambai articularam. A fórmula é simples: aqueles que perseguiram seus próprios interesses egoístas e prosperaram sob a ocupação deveriam pagar, enquanto aqueles que sofreram e se sacrificaram pela independência deveriam ser recompensados. (...) [Há] uma apreensão crescente, no entanto, de que exatamente o contrário estava acontecendo nos primeiros dias da nacionalidade. Em vez de recompensar seus compradores, conforme muitas pessoas observaram, a nação parecia favorecer aqueles que eram hostis ou indiferentes a ela, como ex-colaboradores e retornados de diásporas (Traube, 2007, p. 21).

Sincronicamente, neste quadro, a narradora partilha da feição ideológica mambai ao tentar fazer valer um ideal de justiça e que passa por dar a conhecer o sofrimento das mulheres ao longo da história de Timor. Com efeito, ao percorrer a história-nação, de maneira polifónica, fragmentada e em aparente delírio, a personagem vai honrando as histórias femininas que ficaram por contar, por se saber.

Leitura d’A mãe e de *Requiem por Irina Ostrokoff*

A vida de Natasha Korbachenko é sucessivamente abalada por múltiplos conflitos que forçam a personagem a migrar para outros lugares e lhe moldam o carácter. Para além da situação inicial já apresentada, é particularmente relevante conhecer o relato da derradeira fuga do solo russo em direção à Manchúria, após a sua taberna ter sido incendiada. Neste

⁵⁰ O pai de Luís Cardoso pertence a este grupo etnolinguístico. O GERTIL (2002, pp. 42-43) aponta o Mambai como o dialeto timorense mais falado em 1961. Nas montanhas, é o mambai a língua que se afirma como dialeto principal. A língua mambai é utilizada por grupos étnicos variados e, se sintetizada a sua presença num mapa, corresponderia a uma faixa central que vai desde a zona montanhosa das costas de Díli até à área de Same, no Sul. No presente milénio, o tétum é a língua com maior expressão em Timor-Leste sendo aquela que é usada como língua franca no território.

percurso, a menina Natasha é violada por um oficial russo que fogia com ela à revolução. Indignada, vinga-se com a amputação, a tiro, do aparelho genital do homem com recurso à antiga arma de fogo do falecido pai. O episódio encerra os dois primeiros capítulos que caracterizam a jovem russa como alguém de sentido prático, com rigidez de carácter e impelida para a ação.

Posteriormente, rodopiando pelo espaço oriental, Natasha chega a Xangai. Aqui, a russa contacta com uma cidade que exhibe um hiato irreal entre um mundo que se prepara para a guerra e as ruas chinesas, cosmopolitas, de requinte e de glamour:

Sentiu-se atordoada pela torrente de pessoas da Nanking Road, as viaturas desordenadas amedrontaram-na, as enormes monstros dos grandes estabelecimentos comerciais maravilharam-na, os imponentes edifícios imperiais do Bund amesquinharam-na, e espantaram-na as esguias chinesas apertadas em cabaias de seda acolchoada, e as elegantes ocidentais, de múltiplas nacionalidades, magras, escorridas de formas e de roupa como o impunha a mais recente moda de Paris (...). Natasha sentiu-se envergonhada da sua figura de camponesa (Carvalho, 2001, p. 47).

Uma nova realidade irrompe ante a personagem e impõe-lhe outra autoimagem. Em Xangai, Natasha reconhece-se campónia, iletrada e sem um círculo familiar ou de amigos que lhe possa valer. Neste cenário de possibilidades redutoras, é iniciada pela sua colega de quarto na mais velha profissão do mundo. Trabalha, assim, como *dancing girl* no clube noturno gerido por Igor Ostrakoff⁵¹, também ele um refugiado russo.

A chegada do casal Ostrakoff a Xangai foi envolta numa conjuntura diferente. Após o casamento, partem pela Europa, em lua-de-mel, ignorando os focos tensionais entre “os sérvios, os bósnios, os croatas, os montenegrinos e os outros [que] andavam permanentemente à bulha entre si, não era novidade” (Carvalho, 1993, p. 117). Com o eclodir da guerra, o par fica sem conseguir aceder à sua fortuna e entra numa espiral negativa que lhes cabia o estatuto político e social e, também, lhes força a emergência de diferentes valências:

Irina principiou a desfazer-se das suas jóias a preço substancialmente inferior ao valor real. Em guerra como na paz, há quem perde e há quem ganha. (...) [Igor] decidiu-se a procurar emprego compatível com a dignidade de oficial do exército imperial, ainda que em situação mal definida (desertor? refractário?) mas, apesar de tudo, oficial dos

⁵¹ Personagem nuclear no romance *Requiem por Irina Ostrakoff*.

cossacos do czar. Infelizmente, os parisienses não se impressionaram com isso e a sua falta de preparação para qualquer ramo de actividade produtiva, a perturbação da economia ocasionada pela situação de guerra, o afluxo de refugiados a Paris e, principalmente, a sua nacionalidade estrangeira cerceavam-lhe consideravelmente as pretensões (Carvalho, 1993, p. 120).

Após várias tentativas falhadas, Igor sucede em obter emprego como porteiro de um hotel. Posteriormente, seria agraciado com a promoção a recepcionista. Irina, por sua vez, não consegue rendimento:

a que espécie de serviço poderia Irina aspirar? Que sabia ela fazer? Piano, línguas... a sua educação de herdeira aristocrática preparara-a mal ou, antes, não a preparara de todo para a dura competição num mercado em que o trabalho era, nos escalões profissionais mais elevados, vedado às mulheres e, nos outros, sujeitos sabe Deus a que riscos. As profissões aceitáveis para mulheres novas de boas famílias decaídas de fortuna reduziam-se, praticamente, às de dama de companhia e de preceptora: e qualquer delas exigia uma disponibilidade só conciliável com o estado de solteira (Carvalho, 1993, p. 124).

A progressão de Igor continua e, por virtude de uma amizade travada com Desiré Dieudonné, recebe a proposta de gestão de um hotel, em Xangai. O casal, após tratar da obtenção do estatuto de refugiado e com bilhetes em segunda classe, parte rumo a Oriente.

Apesar de serem constantemente influenciados por condições históricas, conforme nota Brookshaw (2002), as personagens seguem sem ampliar, verdadeiramente, o seu capital de conhecimento e de experiência de modo a melhor contornar situações problemáticas. Aliás, na cidade chinesa, ainda que possuam condições diferentes das da capital francesa, demonstram, mais uma vez, extrema ignorância pela conjuntura social em seu redor:

Cegos em Xangai! Tão cegos como em Paris, tão cegos como em Odessa. Encerrados no seu pequenino mundo, artificial e brilhante, absorvidos num quotidiano de lucros fáceis, compromissos sociais e pequenos escândalos, os privilegiados daquela sociedade fechada cerram os olhos e parecem ignorar a tempestade que lavra à sua volta, no país imenso, e, mais perto, já portas a meias, naquele outro mundo da cidade chinesa de bairros fétidos onde reinam as tríades, a corrupção, a prostituição, a droga, a miséria. Para os *tai-pans* e outros *kuai-lous* menores, seguros numa arrogante extraterritorialidade e no seu próprio policiamento municipal, "aquilo" era cor local. Os "chinas", de resto,

tinham sido sempre assim! E as nuvens negras, acauteladas num horizonte próximo e ameaçador, avançam (Carvalho, 1993, p. 147).

Mitter (2004) escreve sobre o contacto fronteiroço destas regiões nas décadas de vinte e de trinta, salientando o mal-estar emergente: Chinese were frequently on the end of racist attitudes and abuse from the British, French, Americans and Japanese who made up the bulk of the foreigners whom they encountered. Events such as the May Thirtieth Movement of 1925 showed how clashes could spiral” (Mitter, 2004, p. 50).

Igor continua “explorando o seu Hotel de France e testando profissionalmente às *taxi-girls* candidatas ao Café de Paris. O actual desafogo financeiro permitia-lhe um estilo de vida que, no seu exílio de Paris, jamais pensara alcançar” (Carvalho, 1993, p. 148).

O romance *A mãe*, por mecanismos de intertextualidade, entrecruza as vidas de Natasha e de Igor, na mesma baliza temporal. Natasha encontra serviço como empregada de mesa. Volvidos cinco anos, o feitio intransigente de Natasha impede-lhe a aceitação das imposições do seu patrão e compatriota. Sai do clube gerido por Igor Ostrakoff e emprega-se num café-restaurant que é, tendencialmente, frequentado por estudantes. Enamora-se do que viria a ser o seu marido, Vassili Yakovitch, um jovem estudante, frequentador do espaço. Ele tem aspecto frágil e é de ascendência judaica. Natasha engravida e casa com ele. Posteriormente, a russa fica à frente do negócio do café-restaurant “Au Petit Bistrot”, pois o dono francês já se encontra em idade avançada. O primeiro filho da parelha é oligofrênico, grau avançado, e condiciona grande parte da vida familiar. O casal faz mais quatro filhos, duas meninas e dois meninos gêmeos. Vassili torna-se professor no Instituto Politécnico de Xangai.

O quadro de aparente estabilidade rotineira é abalado pela Guerra do Pacífico. De início, Igor Ostrakoff acreditava que as suas vidas continuariam intocáveis, numa “torre de marfim”: “A declaração formal, em 1937, do estado de guerra entre o Japão e a República da China não impressionou Igor. Afinal, já estavam em guerra há muito tempo e aquilo não seria senão o reconhecimento oficial de uma endémica beligerância. De qualquer forma, as zonas internacionais eram invioláveis e o Japão, com interesses económicos na área, reconhecia-o” (Carvalho, 1993, p. 151). Porém, tal como todas as personagens viriam a sentir, a guerra impedira quaisquer hipóteses de felicidade: “Igor teve a informação de que o Hotel de France passara a ser considerado centro suspeito e para o futuro vedado às tropas japonesas, compreendeu que a situação se tornara insustentável: era visto pela guerrilha

como simpatizante dos nipônicos; por estes, como abrigando elementos daquela” (Carvalho, 1993, p. 154). Por sua vez, também o clã Yakovitch se vê forçado a exilar-se em Macau, impelidos pela perseguição que os nipônicos faziam aos judeus.

Na cidade de Macau, os Yakovitch experienciam o drama do exílio e, de forma indireta, a guerra⁵². Autodeclarados como apátridas, beneficiam do protetorado limitado do local. Dito de outra forma, é-lhes permitida a permanência, mas não usufruem da precária assistência assegurada pelo governo aos refugiados de nacionalidade portuguesa.

Sem outra opção, o casal aloja-se em condições deploráveis numa estalagem chinesa. A mãe russa coloca bolinhas de algodão nos ouvidos dos filhos para que estes não se apercebam das obscenidades vizinhas. Primeiramente, a mãe começa por tentar localizar conterrâneos. Infelizmente, como depressa depreenderá, não lhe poderão valer dado viverem em condições semelhantes ou piores do que as suas. As constantes deslocções, em busca de trabalho ou do paradeiro de conterrâneos, permitem a Natasha sentir o pulso da cidade. Os percursos são descritos em tom negro e disfórico, revelando um amplo cortejo de dor no qual a dignidade humana se suspende:

Junto aos quartéis formavam-se filas de indigentes, de marmita ou de velhas latas em punho, à espera da distribuição de restos do rancho do dia, e às portas das igrejas, dos pagodes, dos mercados, dos restaurantes, os mendigos amontoavam-se sob trapos imundos de cor indescritível, exibiam mazelas repugnantes para concitar a compaixão, e as crianças, esqueléticas e esfarrapadas, os ventres dilatados pela fome, a pele dos rostos macilentos colada à caveira e empastada de imundície, perseguiam os transeuntes e estendiam as mãos esqueléticas à esmola que ninguém tinha para dar (Carvalho, 2001, p. 148).

Progressivamente, a situação agudiza-se e os filhos do casal sofrem imensuravelmente com os efeitos da guerra. Adensa-se, sobremaneira, o drama familiar, pois nenhum dos dois elementos do casal consegue arranjar

⁵² Saldanha, na obra *A guerra vista de Cantão*, escreve sobre a posição geopolítica de Salazar. Segundo Saldanha, o estatuto de neutralidade é o pretendido por António Oliveira Salazar que, recordando a considerável tradição histórica e os interesses portugueses no Extremo Oriente, refere: A política do Governo Português acerca do conflito do Extremo Oriente tem sido e propõe-se continuar a ser de completa neutralidade. Assim tem sido afirmado pelo governo de Macau e assim o dissemos ambas as partes e à Inglaterra. A nossa atitude na Conferência que V. Ex.^a é Presidente da Delegação Portuguesa deve ser de favorecer tudo o que tenda para a conciliação e evitar e contrariar tudo o que possa irritar uma das partes...” (Saldanha, 1998, p. 12).

forma de contrariar as condições vigentes. Vassili tenta, sem sucesso, o suicídio. A Natasha, são-lhe sugeridas as hipóteses menos dignas. Num dos cenários, que retome a vida ligada à prostituição, num *night club*, porém, como depressa lhe fazem ver, a idade já não joga a seu favor e ela dificilmente iria conseguir disputar a atenção com a “fartura de moças chinesas, *mignonnes*, de bocas carnudas e olhos amendoados que pipilavam pelos *cabarets* e prostíbulos de Macau, jovens e graciosas, esguias de formas e acetinadas de pele” (Carvalho, 2001, p. 160). Ou, numa outra possibilidade, que iniciasse as suas filhas na prostituição, pois chineses valorizavam sobremaneira as *spring chickens* (Carvalho, 2001, p. 149). Natasha recusa, vociferando: “Seu chulo imundo! Se você levanta um dedo para as minhas filhas, corto-lhe os tomates” (Carvalho, 2001, p. 150).

As deambulações pela cidade logram pôr Natasha em contacto com o padre Percival Fernandes que sugere, com base na ascendência judaica de Vassili, que o casal tente emigrar para a América. Para isso, apresenta-lhes a hipótese de preenchimento de um formulário que se consubstancia como pedido formal para o efeito.

Porém, a possibilidade de saírem para a América tarda. Miseráveis, dedicam-se à indústria doméstica dos panchões e recorrem a créditos para se sustentarem. A situação torna-se deplorável. Absorta na espiral negativa, Natasha revive o episódio no qual lhe é sugerido que explore sexualmente as filhas. Completamente degradada e depauperada, não tem condições de negar a proposta, mesmo ante a aspereza dos argumentos apresentados:

– Que idade tem a sua mais velha? Catorze? Quinze? Está uma mulherzinha e aposto que já tem namorado... E, se o não tem, mais dia menos dia arranja um marmanjo qualquer. E você sabe como são os moços, não se contêm e ela dá-lhes de graça aquilo que lhe pode render muita massa... Que desperdício! (...).

– E o que é que ela perde com isso? A virgindade? Ora! Um pedaço de pele sem valor nenhum... Você sabe muito bem que hoje ninguém, absolutamente ninguém lhe dá qualquer importância. E então entre os refugiados!... Mas ainda há gajos, velhos e ricos, alguns que já nem podem com uma gata pelo rabo, para quem isso tem muito valor. E estão dispostos a pagá-lo e bem! O que é preciso é conhecê-los e saber negociá-lo... E é aí que posso ajudar... (Carvalho, 2001, pp. 170-171).

Por duas mil patacas, o silêncio cai na casa dos Yakovitch. Após receber a maquia, Natasha compra bens essenciais, o mínimo para garantir a sobrevivência. Porém, a completa deterioração da personagem dá-se com a imbricação, simultânea, da degradação física e moral dos elementos da casa.

Ludmilla confia à mãe que os irmãos podem comer as suas guloseimas, pois o chinês que lhe garantiu os serviços irá oferecer-lhe mais bens se ela regressar à casa dele, nessa noite. Emudecida, a mãe anui sem escolha, lembrando-se que é uma situação temporária, até partirem para a América. O casal obtém, no final da narrativa, passagem para a terra prometida, porém não sem antes todas as filhas do casal se terem iniciado na prostituição com o aval dos progenitores e o filho com deficiência ter perecido.

A Irina Ostrakoff também está reservado um percurso probatório que erode as traves-mestras da sua identidade, alicerçadas nos valores da religião, da moralidade, dos costumes, do casamento e do amor.

A narrativa apresenta o desmoronamento familiar de que se fala em diferentes pilares. No plano amoroso, apesar de Irina se ter casado por amor e com a aprovação da família, ter sido incontavelmente traída por Igor, que se dedica a todos os prazeres mundanos e imediatos da vida, levá-la-á, também, a realizar o adultério. Desencantada e após um longo período de privações emocionais, acabará por ceder aos encantos de Tarcísio que lhe faz a corte e a valoriza. Daqui, advirão enormes sentimentos de culpa e o remorso.

No plano financeiro e social, o casal falha em reeducar-se e em ajustar-se à sua condição social. Irina e Igor gastam o dinheiro ganho como cantores e músicos no mercado negro porque se recusam a ir para as filas e a aguardar fornecimento: “com o seu emprego como vocalista, Irina adquiriu justificação moral para fugir às bichas: não lhe era possível perder todo aquele tempo ao sol e à chuva. Passaram por isso a recorrer mais frequentemente ao mercado negro e a pagarem multiplicadamente os magros gêneros conseguidos” (Carvalho, 1993, p. 182). Existe, inclusivamente, a eterna relutância de Irina em vender o anel que mais diretamente a liga ao passado familiar, glorioso (Gago, 2018, p. 283). O gesto pode ser lido de diferentes formas: como uma recusa em aceitar a condição social vigente, crendo que toda a guerra é nada mais do que um hiato entre o mundo prévio e um outro que agora emerge; ou como um bálsamo sentimental, um objeto que lhe recorda um passado feliz e uma família intacta.

Em todo o caso, a tendência para se colocarem, ciclicamente, em situações desfavoráveis levará o casal a ser despejado. Encontrarão teto na exígua casa de Big Bertha, uma conterrânea que os auxilia: “Que cruel ironia... a neta dos Orkoff dormindo na cama de uma prostituta” (Carvalho, 1993, p. 219).

O casal conseguirá, contudo, sobreviver aos anos da guerra graças aos dinheiros que Igor vai recebendo e da chantagem que este faz a Tarcísio,

ameaçando denunciar o *affair* que ele tinha tido com a sua mulher, manchando a reputação de todos os envolvidos. Nos anos seguintes, Igor abandonará a mulher para perseguir carreira noutras paragens asiáticas. Irina tenta, sem sucesso, o suicídio. Após este ato, evidencia o seu espírito religioso ao tentar ter a absolvição do padre para o seu comportamento. A diegese progride e dá conta de que Irina executa vários trabalhos menores que se consubstanciam como inconsequentes tentativas de se integrar numa sociedade da qual é desconhecadora e refugiada. No fecho diegético, já fragilizada, falece vítima de um ataque cardíaco.

Considerações finais

Nas narrativas trazidas a estudo, percebe-se a dinâmica emergente de uma “total war”. Isto é, todas as figuras da sociedade são colocadas em risco, desalojadas do seu mundo, independentemente das categorias de gênero ou de função social⁵³.

No entanto, apesar de uma certa transversalidade do sofrimento, é de notar que as personagens femininas são as únicas às quais se reservam incursões pelo universo da sedução forçada de um protetor ou, inclusivamente, a entrada no mundo da prostituição. Os homens, contrariamente, devem assumir outras categorias ou rótulos sociais, como os de guerrilheiro, combatente ou decisor familiar.

Estes cenários, de manifesta ruína moral, evidenciam uma preocupação que se aloja, sobretudo, às figuras femininas e que tem que ver com a incapacidade de manutenção dos valores tradicionais de ‘família’, de ‘casamento’, de ‘religião’. Note-se que, progressivamente, as personagens femininas se tornam disfóricas e descrentes das capacidades dos companheiros que as desiludem, ciclicamente. Curiosamente, as figuras em análise sobrevivem ao colapso dos maridos e conseguem, muitas das vezes por claro mérito próprio, levar o barco familiar a bom porto, numa clara mensagem de valorização da mulher.

⁵³ Lamarra escreve: “latest studies show how the Second World War, with the disappearance of the distinction between the military and the home fronts, between the risks for soldiers and for civilians, and with its nature of “total war” – in the sense that it totally intrudes upon everyone’s daily life – changed the lives of women as much as it changed those of men in that in the absence of men, women had to bear all the responsibility for the survival not only of their own families but also of society at large” (Lamarra, 2009, p. 145)

Bibliografia

- Bakhtin, M. (1986). *Speech genres and other late essays*. Austin: The University of Texas Press.
- Barrkman, J. (n.d.). *Husi bei ala Timor - Sira nia liman*. Dili: Secretaria do Estado e da Cultura.
- Bretes, M. (1989). *Timor entre invasores 1941-1945*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cardoso, L. (2020). *O plantador de abóboras*. Lisboa: Abysmo.
- Cardoso, L. (2013). *O ano em que Pigafetta completou a circum-naveção*. Porto: Sextante Editora.
- Cardoso, L. (2007). *Requiem para o navegador solitário*. Lisboa: Dom Quixote.
- Carvalho, R. (2001). *A mãe*. Macau: Livros do Oriente.
- Carvalho, R. (1993). *Requiem por Irina Ostrokoff*. Macau: Livros do Oriente.
- Cunha, T. (2006). *Vozes das mulheres de Timor-Leste*. Porto: Ed. Afrontamento.
- d'Alte, P. (2019). A cosmogonia oculta timorense e o mundo literário de Luís Cardoso. Olhares que se cruzam. *E-revista de Estudos interculturais do CEI-ISCAP*, 7(2), 1–17.
- d'Alte, P. (2022). A experiência da viagem, da (des)territorialização e do conflito nos romances de Luís Cardoso. *Diacrítica*, 35, 3, 90-107. <https://doi.org/10.21814/diacritica.665>
- d'Alte, P. (2020). Circum-navegação e Timor. Leituras literárias da casa sagrada timorense, Luís Cardoso e Pigafetta. *E-revista de Estudos interculturais do CEI-ISCAP*, 8(1), 1–16. <https://doi.org/10.34630/erei.vi8.4157>
- Durand, F. (2006). *Timor: 1250-2005. 750 ans de cartographie et de voyages*. Toulouse: Ed. Arkuiris.
- Gago, D. (2018). Travessias identitárias: representações dos refugiados em Macau na obra de Rodrigo Leal de Carvalho, *ALEA*, 20 (3), 277-298. <https://dx.doi.org/10.1590/1517-106X/203277298>
- Gerbault, A. (1991). *Seul à travers l'Atlantique et autres récits*. Paris: Grasset.
- GERTIL (2002). *Atlas de Timor-Leste*. Lisboa: Lidel.
- Gin, O. K. (2004). *Southeast Asia: a historical encyclopedia, from Angkor Wat to East Timor*. Oxford: ABC-CLIO.
- Gunn, G. (2016). *Wartime Macau: Under the Japanese shadow*. Hong Kong: HKU Press.
- Lamarra, A. (2009) War in Women's experience and writing. 145-159. In Lamberti, E. & Fortunati, V. (eds). *Memories and representations of War. The case of World War I and World War II*. Amsterdam: Editions Rodopi.

- Mitter, R. (2004). *A bitter revolution. China's struggle with the Modern World*. Oxford: Oxford University Press.
- Pike, F. (2015). *Hirohito's war: The Pacific War (1941-1945)*. London: Bloomsbury Publishing.
- Ramon, M. (2014). Contributos para a constituição de um cañone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa. In M. Lemos Martins et al. (Ed.), *Interfaces da lusofonia* (pp. 5–25). Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Ramos, A. M. (2012). Literatura timorense: Da emergência à legitimação. *Caderno Seminal Digital*, 18, 149–160. <https://doi.org/10.12957/cadsem.2012.11884>
- Ramos, A. M. (2018). Literatura timorense em língua portuguesa: os caminhos da consolidação. *Boletín Galego de Literatura*, 52(1), 5–20. <https://doi.org/10.15304/bgl.52.4539>
- Traube, E. (2007). Unpaid wages: local narratives and the imagination of the nation. *The Asia Pacific Journal of Anthropology*, 8, 1, 9-25. <https://doi.org/10.1080/14442210601161724>
- Venâncio, J. C. (2008). A literatura macaense e a obra de Henrique de Senna Fernandes. Um olhar histórico-sociológico. *Revista de História das Ideias*, 29, 691–702.